

# O caso do pão de queijo

por Frederico Manica

Nem crítica gastronômica, nem saudosismo. É só a verdade — essa que não se manipula, não se simula, não se terceiriza. A expectativa, sedutora embusteira, promete: pão de queijo celestial. A realidade revela a farsa: o sabor não vem. A crocância prometida, o queijo que deveria assanhar as papilas gustativas. Tudo fica aquém.

Cadê o sabor que eu queria que estivesse aqui?

Há um lugar onde o pão de queijo revela sua essência — no boteco qualquer, de beira de estrada, no interior de Minas. Onde não há filtros nem firulas, ele simplesmente é.

O mesmo se dá com o churrasco que só o gaúcho forjado na brasa sabe preparar, com a feijoada de uma matriarca carioca, com o café coado no pano de quem acorda antes do sol. A autenticidade não se improvisa. A experiência não se falsifica. A vivência é a única escola legítima do sabor, da arte e da vida.

Quanto você é capaz de simular no seu cérebro aquilo que idealiza viver efetivamente? Até onde seus sentidos — paladar, olfato, tato, visão e audição — podem operar imersos em ambientes que apenas fingem ser o que não são? Quais meios você realmente dispõe para vivenciar o real, com tudo que ele tem de crueza, beleza e contradição?

Será que o que você idealiza — aquela vida polida, digitalizada, roteirizada — seria mesmo melhor que a vida como ela é?

Com seus tropeços, seus sabores imperfeitos, suas paisagens desfocadas, seu tempo próprio, fora do alcance dos algoritmos?

Vivemos tempos em que a simulação se aperfeiçoou. Os ambientes são cada vez mais tematizados, os sabores artificialmente intensificados, os relacionamentos esteticamente curados. Mas por trás do espetáculo, resta a pergunta: onde está você?

Feche os olhos — e imagine que você está diante dele: o pão de queijo perfeito. Redondo, dourado, a casca levemente estalando sob o toque do ar quente, exalando um perfume que mistura forno, queijo curado e saudade.

Antes mesmo de tocar seus lábios, tente descrever o que espera encontrar. Que sabor você deseja sentir no instante exato da primeira mordida? A crocância da casquinha? A explosão cremosa do miolo ainda quente? O azedo amanteigado, adocicado, um queijo derretido que se pronuncia leve e também sofisticado, a memória do campo. Tente descrever.

Vá além. No momento da degustação, o que você ouve, sente, vive? Quais sentidos se acendem em você, no instante e minutos depois, no retrogosto. E dias depois, desse encontro — a vontade de comer ele de novo. Que lembranças essa experiência gravou em sua alma? Que histórias esse pão de queijo prometido te faz querer contar?

Não é apenas sobre comer. É sobre pertencer. Sobre estar inteiro num instante que não se repete. Um momento que, se for verdadeiro, será seu para sempre.

Mais uma vez. Feche seus olhos — e imagine que você está diante dele: o pão de queijo perfeito.

A superfície é dourada, irregular como um pequeno planeta em erupção de sabores e resolução de desejos. Há calor visível irradiando da iguaria recém-saída do forno, e você sente o ar quente chegando ao rosto antes mesmo de tocá-lo. O cheiro é um convite ancestral: mistura de queijo curado, leite fresco, forno à lenha, campo mineiro. Uma lembrança que não é sua, mas que você reconhece como se fosse.

Você se aproxima. Seus lábios sentem primeiro — não o sabor, mas o calor. Um calor úmido, terno. É um beijo que vem de dentro. A língua, até então esquecida, desperta. E ao tocar a crosta, percebe-se: o contraste entre o liso úmido e o áspero crocante revela a própria textura da boca, e da alma. O pão de queijo torna-se um espelho íntimo. Você existe ali. Inteiramente.

Morde. Um leve estalo. Nada agressivo — é uma entrega. E então o interior cede: macio, úmido, salgado na medida certa. O queijo se insinua primeiro como perfume e só então se revela como gosto. O olfato e o paladar se abraçam, dançam juntos. O sabor não é imediato — ele floresce. Primeiro a memória do leite denso, depois o amanteigado sutil, e por fim o queijo, que se instala e se recusa a partir.

Nesse instante, não há mais nada. Não há mesa, não há gente ao redor, não há relógio. Só você e o seu pão de queijo. E o tempo suspenso. Quando termina, há um vazio doce — um silêncio interno que pede reverência.

E então, mais tarde, a lembrança: não do alimento, mas da experiência. Da comunhão. Como o cheiro de uma pessoa amada em um lenço esquecido, como um pôr do sol que você tentou descrever mas falhou, como aquele instante em que a vida, mesmo brevíssima, pareceu completa.

Mas quem é esse ser que chega diante do pão de queijo perfeito?

Ele pode ter vindo de longe. Atravessou paisagens, sentiu a mudança de altitude, o ritmo do dia que se transforma. Teve tempo para se preparar, para aquietar o coração, para deixar os ruídos do mundo para trás. Chegou com o corpo disponível, com os sentidos em alerta, como quem sabe que viver exige presença. E por isso, ao chegar, não come: contempla. Reconhece o momento como sagrado, ainda que sem palavras. E por isso sente — verdadeiramente sente — tudo o que o pão de queijo oferece. Ele está ali, inteiro.

Você chegou até aqui assim? Ou...

Você vem do emaranhado de suas lutas diárias. Traz consigo a necessidade de um pai que foi ausente? Traumas mal resolvidos. Usa o passado para justificar-se de sua vergonha íntima: não soube usar seu tempo, em nenhum segundo lembrou do que restou de si mesmo.

Chegou aqui como alguém atropelado pelas consequências, com os olhos cegos de telas, o tato embotado, o olfato domesticado por ambientes esterilizados e o paladar viciado em sabores exagerados que substituem o real pelo intenso. Você nem sente mais fome de verdade — sente ansiedade. Não se pergunta o que gosta, tenta se identificar com o que os outros parecem gostar.

Seu corpo ainda está aqui, com todos os sensores disponíveis — a língua, o nariz, a pele, os olhos e ouvidos — mas seu sistema de percepção foi sequestrado. Está contaminado. O seu melhor é o que todos dizem que é melhor. O que o mercado apresenta é mais importante do que estar em paz com seu paladar.

Quem é afinal esse ser que chega?

Será que chega mesmo?

Ou tropeça, empurrado pelos dias, esbarrando em compromissos, buzinas, prazos e notificações? Sem tempo para si, ao se aproximar de mais um pão de queijo, não está ali — está ainda dentro do trânsito, dos boletos, do scroll infinito, de suas aparências e enganações. Seu corpo chega, e não traz a sua alma. Cadê o sabor que um dia esteve aí?

Os ouvidos vêm cansados. Passaram o dia sendo atravessados por ruídos, vozes sem afeto, alertas de atenção, música de elevador.

Olhos calejados de brilho de lâmpada de led, de vitrines digitais, de publicidade que berra onde deveria haver poesia. Você não distingue beleza de enfeite. Não sabe mais ver sem julgar, comparar e desejar só o que não precisa.

Sua pele está coberta por tecidos sintéticos, climatização constante, falta de sol e de toque. Você perdeu o espanto diante da brisa, da quentura, do arrepio, o tato virou função — sem emoção.

E a boca... ah, essa boca! Condenada ao ultraprocessado, ao delivery frio, ao lanche engolido sem mastigar. Língua acostumada ao sem sabor, sem perfume, sem ardor.

O coração — espremido, acelerado, adormece e acorda implorando uma pausa. Sem nunca despertar, desejando um momento em que comer não seja apenas saciar o corpo, mas alimentar a alma.

Como você se permitiu se transformar nisso? Já não sabe mais o que gosta, e finge preferir o que te disseram ser melhor. Como saborear um pão de queijo se já não há silêncio interior para escutar o seu próprio prazer?

A verdade é dura. Um mar de estímulos e as marés de comparações transformaram você num ser cada vez mais afastado de si mesmo. E o pão de queijo perfeito, ali, inteiro, quente, generoso... se oferece em vão a um paladar que não sabe mais receber.

Não é apenas o pão de queijo. É o café também.

Nos dizem — quase com vergonha — que o nosso café é de segunda linha. Que o que bebemos todos os dias é o que sobra do que se exporta. Mas quando um estrangeiro põe os pés no Brasil, algo inesperado acontece: ele se encanta. Prova o café mais simples, coado com afeto, e se cala — não de decepção, mas de reverência. Porque há algo ali que nenhum rótulo caríssimo pode embalar: verdade.

Enquanto isso, por aqui, há os que entornam pequenas fortunas por vinhos que não compreendem. Escolhem pela etiqueta, pela pontuação da crítica, pela medalha na garrafa. Bebem e fazem careta por dentro, mas elogiam por fora. Entendedores do que não sentem. Maquiam sua confusão com palavras emprestadas. Quanto mais custa, mais devem gostar — mesmo que o gosto seja muito, mas muito pior, que gosto de nada. Muito melhor seria beber água.

Devotos da carne, pela carne. Mastigam pedaços generosos sem jamais se perguntarem o que sentem. Precisam esconder o desconforto com molhos, acompanhamentos e justificativas. Não sabem mais nomear o que está em sua boca. Engolem para não pensar. Comem como consomem tudo: rápido, automático, anestesiados.

A suprema arte dos sentidos, tornou-se sensor de alienação.

Perdemos a capacidade de degustar não apenas os alimentos, mas os instantes. Viver constantemente pelo depois: na foto que será postada, na crítica que será feita, no parecer que substitui o sentir.

O presente, esse prato quente e saboroso, se esfria diante de nós. Constantemente negligenciado. Sentidos foram convencidos a esperar mais — sempre mais — sem saber por quê. O prazer virou performance. O gosto, uma convenção. O momento, um degrau para outro que nunca chega.

Perder a capacidade de perceber o irresistível no pão de queijo, o café coado com afeto, o vinho de mesa que acolhe — é perder a capacidade de degustar o abraço, o carinho no rosto, é perder a emoção do beijo, do olhar profundo, que vem antes do beijo.

E se você perdeu a expectativa da emoção do beijo, você já perdeu tudo, só não desligaram a máquina que mantém você resistindo por aparelhos.